

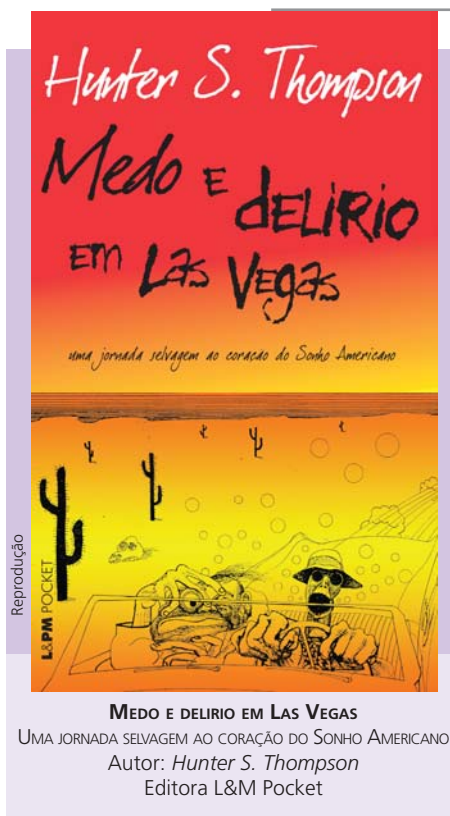
# LAS VEGAS COM ACIDEZ

Por Marina Berlowitz

Hunter S. Thompson foi um jornalista americano que criou o jornalismo Gonzo, estilo situado sobre a linha entre reportagem e ficção, em que o repórter se envolve e se protagoniza, em primeira pessoa. *Medo e Delírio em Las Vegas – Uma Jornada Selvagem ao Coração do Sonho Americano*, sua obra prima, é um relato de uma alucinante – ou alucinógena – viagem a Las Vegas em busca das oportunidades. É não apenas uma crítica à busca do Sonho Americano e à cultura americana *mainstream*, mas também à contracultura falida do começo dos anos 70, às drogas e ao próprio jornalismo.

Em um Chevy conversível vermelho e alugado, Thompson (Raoul Duke, no livro) e seu advogado samoano Acosta (Dr. Gonzo) atravessam o deserto, de Los Angeles a Las Vegas, com um porta-malas “que mais parecia um laboratório móvel do departamento de narcóticos”: “Tínhamos dois sacos de maconha, 75 bolinhas de mescalina, cinco folhas de ácido de alta concentração, um saleiro cheio até a metade com cocaína e mais uma galáxia inteira de pílulas multicoloridas, estimulantes, tranquilizantes, berrantes, gargalhantes... além de um litro de tequila, outro de rum, uma caixa de Budweiser, meio litro de éter puro e duas dúzias de amilas”.

Contratado por uma revista de esportes, Duke é enviado a Las Vegas para cobrir uma corrida de motos, a Mint 400. Com o abuso dos narcóticos e do dinheiro, é incapaz de fazê-lo. Afoga-se em devaneios noturnos. Em uma narrativa cômica, sensorial, e



em ritmo acelerado, ele revela o pesadelo que é Las Vegas, o centro da cultura *trashamericana*, sob o efeito das drogas. “A própria realidade já é distorcida demais”. Ao longo da obra, no entanto, Thompson confia na autoridade de seus sentidos e na clareza de um cérebro envenenado.

Na segunda parte do livro, Duke se vê obrigado a ficar em Las Vegas após sua (fracassada) cobertura da corrida. Recebe um telegrama da *Rolling Stone* pedindo que cubra um congresso sobre Narcóticos – ironicamente. Porém é nessa parte do livro em que estão as passagens mais lúcidas, é aí onde transparecem mais as críticas à sociedade americana. Em certo ponto do livro, Duke e Gonzo perguntam à garçonete de um café decaído: “Onde está o Sonho Americano?”

Seu uso errático das drogas é uma metáfora: Thompson retrata o medo e delírio da geração decadente pós anos 60 – quando o uso das drogas era procurar a flor no coração do cosmos. No começo dos anos 70, no entanto, as drogas não são para ele mais do que se esconder do rosto do Nixon e da realidade americana. O que uma vez foi místico, emancipador e bacana tornou-se apenas mais um jeito de fugir e se despedir. O livro começa com uma citação de Samuel Johnson: “Quem faz de si um animal selvagem fica livre da dor de ser um homem”.

Hunter S. Thompson demonstra no livro um ódio enorme aos jornalistas e ao jornalismo, mas que pode ser interpretado como auto-ódio. Zomba também dos hippies, de John Lennon e de Tim Leary. Thompson arrisca-se em seu próprio submundo. Mas soube cruzar a linha entre reportagem e ficção com maestria. Contaminou a objetividade jornalística com a subjetividade do ébrio. Diz que quando relê seu livro, não lembra mais o que é real e o que inventou. Puro jornalismo Gonzo.

## INVISÍVEL

Por Roberta Adena

Sair da sala de cinema é sempre um momento especial pra mim. As luzes se acendem e as pessoas retornam à realidade lentamente. Os diálogos cortam o silêncio rigoroso e ao caminho da saída, as cenas do filme repassam em minha cabeça, e tudo adquire um sentido ficcional, temporário.

Hoje saí com uma sensação inquieta, mesmo tendo assistido a uma comédia. Tive a sensação de que deveria ir para algum outro lugar, tive vontade de conversar com as pessoas, perguntar-lhes o que acharam do filme, o que iriam fazer...saí. Logo na entrada me encostei na porta do cinema e resgatei da bolsa uma revista com a programação do domingo a noite. Nada. Olhei com desânimo para a rua movimentada. Vejo então um senhor se aproximando, carregando inúmeras sacolas cheias de revistas e jornais. Ele parou logo de frente para mim e me estendeu a mão, “Olá querida, como vai?”. Assustei-me, não esperava o toque de alguém naquele dia. Cumprimentei-o confusa e respondi que ia bem.

Alguns minutos depois estávamos conversando sobre música, cinema e fotografia e dividíamos um saco de pipoca que comprei ao lado. “Salgada, não é?” falei. Com a boca cheia ele apenas concordou com a cabeça. “Qual o seu nome?” perguntei. “Sem nome, pode me chamar de sem nome”. Sorri discretamente e ofereci ao homem mais pipoca.

Sem-nome expressava-se bem, conhecia autores clássicos, compositores e diretores de filmes consagrados. A cada obra que citava, tirava da sacola uma revista ou um panfleto com algo a respeito de seu ídolo. Mostrou-me fotos de Janis



Roberta Adena

Joplin, Bob Dylan, Martin Scorsese, Gérard Depardieu. Falou-me com orgulho que era músico e cantou “Blowing in the Wind” de Dylan. Espantei-me com a delicadeza e a beleza de sua voz, escondida embaixo de uma barba comprida e grisalha e de um gorro preto, que o protegia do vento gelado da noite. Sem-nome havia sofrido de um aneurisma, mostrou-me a cicatriz no canto esquerdo da cabeça e me disse que tinha problemas de memória. “Como é seu nome mesmo, querida?”, perguntou-me pela terceira vez.

O olhar das pessoas que passavam por nós era misterioso, indagador. Talvez a cena de um andarilho já curvado pelo tempo comendo pipoca com uma jovem na porta do cinema fosse realmente incomum. Mas incomodei-me com um certo ar reprovador. Reparei em dois homens que nos seguiam milimetricamente com os olhos. Sem-nome sussurrou “são os policiais a paisana, eles acham que sou algum marginal”. Sorri sem jeito.

Mas o senhor insistiu: “Não ligue pra eles, são todos canalhas...estão querendo nos deixar desconfortáveis”. Virei as costas para um deles e gargalhei exageradamente, para mostrar meu entusiasmo de estar ali conversando com aquele homem invisível e desconhecido.

O tempo passou e o vento já estava gelado demais. “vou embora”, disse. Sem-nome assentiu com a cabeça e me deu a mão “Seja feliz, é uma ordem! Foi um prazer enorme conhecê-la, menina.” Apertei as mãos manchadas e enrugadas do homem e desci a rua. Senti o vento contornando meu rosto e tive a sensação de estar em outro lugar. Sorri. Uma calma repentina tomou conta de mim e peguei o caminho para casa. Olhei ao redor e me senti invisível também.